

V

ENTREVISTA

Ecofeminismo, um jeito de abraçar as diferenças e construir um mundo diferente

Entrevista com Ivone Gebara

Maricel Mena López

Na presente entrevista queremos esclarecer dúvidas e desafios que a teologia ecofeminista nos suscita. Uma das grandes questões se dá em torno à relação existente entre a dominação das mulheres e a exploração da natureza, pois este ponto tem gerado muitos debates ao redor dos estereótipos que conferem historicamente à mulher papéis secundários. Este é um ponto central do diálogo com Ivone, ela deixa claro que não se trata de acentuar a ligação mulher-natureza e sim de denunciar essa acentuação proveniente do sistema patriarcal racionalista que faz essa aproximação. Este será um dos temas tratados na seguinte entrevista com *Ivone Gebara, 56*, doutora em filosofia e teologia, uma das pioneiras da teologia ecofeminista no Brasil, em que fala sobre seus pensamentos teológico-filosóficos, suas experiências e sonhos que brotam de seu profundo compromisso com a vida das mulheres, das comunidades pobres e da natureza.

MANDRÁGORA: Ivone o que é para você o ecofeminismo?

IVONE: Para mim o ecofeminismo é um conceito, que eu chamo de conceito simples, é ecologia com feminismo. Eu pessoalmente me identifico como feminista com uma abertura ou preocupação ecológica. Essa preocupação ecológica para mim vem da vida de cada dia e do alto nível

de poluição no qual vivemos. Como moradora de um bairro popular, percebo que a maioria das mulheres (não que elas vão resolver o problema da poluição) tem que arcar com as responsabilidades de saúde, de água, de água limpa para lavar roupa, de água para beber, etc. Então, as questões ecológicas acabam recaindo, por conta dessa estrutura hierárquica e por conta da divisão do trabalho, em cima dos ombros das mulheres. Então, ecologia e feminismo vão juntas como uma preocupação dos nossos tempos, que nos desafiam a respeitar as mulheres que são desrespeitadas pelo sistema patriarcal e a respeitar a natureza explorada pelo sistema capitalista também patriarcal.

MANDRÁGORA: Você fala de exploração da natureza e das mulheres. Então há uma ligação estreita entre estas duas formas de dominação?

IVONE: Eu acho que, de forma alguma se deve falar de ligação mulher-natureza como se fosse uma ligação íntima. A natureza existe antes da cultura, a cultura é do ser humano e começa com o ser humano. A natureza e a cultura são próprios de todos os seres humanos. Então homens e mulheres são natureza, assim como todos os outros seres, deste modo, homens e mulheres são cultura. Agora, o interessante é que essa idéia se origina um pouco da modernidade.

O eco-feminismo, ou pelo menos o eco-feminismo com o qual eu trabalho, não quer de forma alguma acentuar a ligação da mulher com a natureza.

Os filósofos da modernidade foram os que aproximaram de maneira mais específica, a natureza da mulher e a mulher a natureza. Vários filósofos como Descartes, Bacon e, no século XVIII Hegel, nos seus discursos apresentam a idéia de que há que dominar a natureza assim como se domina a mulher. Quando eles falam do ser humano, eles se referem fundamentalmente ao ser humano masculino. Então o ecofeminismo, ou pelo

menos o ecofeminismo com o qual eu trabalho, não quer, de forma alguma, acentuar a ligação da mulher com a natureza, mas justamente quer denunciar essa acentuação que vem de um sistema patriarcal racionalista que aproxima o macho masculino da razão e o feminino da natureza como se fossemos produtos inferiores. E foi essa aproximação que criou distorções filosóficas, antropológicas e, evidentemente, distorções sociais.

MANDRÁGORA: Você fala de um ecofeminismo no qual você acredita, quer dizer que existem vários tipos de ecofeminismo?

IVONE: Eu acho que cada grupo, cada pessoa, cada mulher, cada homem que se diz ser ecofeminista, – é interessante dizer que há também homens ecofeministas – comunga de uma certa perspectiva. Por exemplo, existem teólogas ecofeministas que prescindem totalmente das referências à Bíblia, fazem referência às deusas de diferentes culturas, buscam muito mais contato com a natureza, buscam também nas religiões indígenas e africanas inspiração nos mitos e trabalham toda essa gama de significados, que eu diria que também são religiosos, com a perspectiva feminista. Em geral essas pessoas não assumem um feminismo digamos político, um feminismo metido em partidos, em sindicatos, mas acreditam que é necessário despertar novas formas de ação, outras energias do ser humano. Elas vão muito pelo caminho da arte, da cura, da medicina alternativa, trabalho com energias, com a música, com a respiração, acreditando que essa é uma maneira de empoderar os grupos populares. Uma maneira de dar aos grupos populares a possibilidade de uma identidade que não venha necessariamente através de uma organização sindical ou de uma organização de partido, que segundo essas pessoas são nitidamente patriarcais.

MANDRÁGORA: Você acha então que a teologia ecofeminista é um tipo de teologia feminista mais abrangente?

IVONE: Eu acho que a teologia ecofeminista

tem condições de conversar ecumenicamente sem impor um conjunto doutrinal, mas digamos que o ecofeminismo que trabalha com uma tradição cristã, a considera uma tradição. Assim como você diz: eu nasci na cultura Nagô, na cultura tupiguarani, numa cultura mestiça, numa cultura de cristianismo europeu, ou posso até dizer, num cristianismo latino-americano mestiço, mas há culturas, há maneiras diferentes. Eu acho que o ponto central da teologia ecofeminista com inspiração na tradição cristã é que, na luta pela justiça, nós temos que abranger a todos os seres, a todos os grupos. Todos os grupos têm direito à vida, e todos os grupos têm um valor por eles mesmos. Em outras palavras, as mulheres não valem por causa dos homens, ou porque são submissas a uma imagem de Deus, mas elas valem por elas mesmas. A natureza não vale porque serve ao ser humano, mas a natureza física, as árvores, os lagos, os rios (a palavra ecossistema resume bem) existem de forma anterior. São anterior ao ser humano, em certo sentido, essa natureza poderia até prescindir do homem e da mulher e nós não podemos prescindir dela, quer dizer, nós viemos como fruto de uma evolução, quando esses seres já existiam, então evidentemente, uma perspectiva ecumênica respeitaria as diferentes tradições mas teria uma ótica de ação transformadora do mundo que precisaria ser conversada, que poderia ser uma ótica comum.

MANDRÁGORA: Existem muitas dificuldades para assumir o termo ecofeminismo, entre outros motivos porque já estão presentes nas culturas dos povos originários Latino-americanos muitos dos elementos da cosmovisão em que se sustém o ecofeminismo, elementos como a ancestralidade, a relação com o sagrado, a morte etc. Então, onde se dá o pulo que caracteriza uma prática como ecofeminista?

IVONE: Eu acho que a palavra ecofeminismo é uma palavra muito circunscrita a uma cultura branca destruidora da natureza. Eu acho que você diz muito bem, a prática já é anterior ao conheci-

mento do termo. O termo nasce no ocidente, nasce praticamente na França e nasce de grupos brancos de elite. A história do termo é uma história branca, a história da luta é uma história dos povos oprimidos. As mulheres brancas acordaram para essa luta e são acordadas também por essa luta na medida em que elas começaram a perceber quanto o mundo ocidental foi devastador, quanto esse mundo foi produtor de essa crise ecológica na qual estamos. Basta lembrar que 20% dos povos mais ricos do primeiro mundo consomem 80% da energia do mundo. Então a crise ecológica mais trágica é a crise ecológica produzida pelo modelo econômico industrial do primeiro mundo. Então esse termo nasce no primeiro mundo, acho que é importante dizer isso, agora, ele é assumido como uma bandeira de luta pelos movimentos sociais, o movimento dos trabalhadores, os sindicatos o movimento dos sem terra, agora começam a ter uma preocupação com a crise ecológica. O termo ecofeminismo, não é importante, ele pode até ser dispensado. Eu fui chamada ecofeminista e assumo isso, mais entendendo muito mais o ecofeminismo nessa conjunção entre a preocupação com a autonomia, independência, o respeito das mulheres e as mulheres assumindo também essa luta pela preservação da vida na terra.

MANDRÁGORA: O seu ecofeminismo tem apresentado mudanças significativas na sua espiritualidade?

IVONE: Eu acho que me tem simplificado, eu acho que eu era uma mulher buscando idéias espirituais e agora eu me sinto mais contemplativa, dou mais atenção à respiração, ao verde, eu sou capaz de me sentir bem olhando uma montanha, uma lua, eu me sinto melhor no silêncio e de repente eu percebo que eu sou mais atraída a observar a diversidade de formas de vida e a achar nisso uma maravilha. Para mim isso, já é uma certa modificação da minha espiritualidade que era antes muito antropocêntrica, agora é como se eu tivesse me alargado e percebesse que o cultivo dessa convivência maior com a natureza

da qual eu sou parte me abre para outras experiências, outras perspectivas.

MANDRÁGORA: Uma das grandes contribuições da teologia da libertação, ou melhor, do movimento profético de Jesus foi o compromisso com o próximo. Então como é agora a sua relação com o cristianismo, com Jesus?

IVONE: Eu acho que toda a dimensão ética do cristianismo para mim permanece como um tesouro e a própria pessoa de Jesus para mim é uma referência forte. Eu gosto muito de retomar, e retomo com muita frequência, eu diria quase diária, os evangelhos sinóticos. Às vezes vou aos profetas, mas, essa tradição me inspira, ela me ajuda a fazer relações, a fazer associações, a perceber algumas coisas que me ajudam a ser eu mesma e essa tradição que você falou que é da Teologia da Libertação, é a tradição do evangelho mesmo, toda a tradição social do evangelho que às vezes foi esquecido e outras vezes foi retomado em outros momentos da história. Eu não quero abrir mão dessa tradição, eu quero abrir um diálogo desta tradição com outras tradições.

Eu acho que toda dimensão ética do cristianismo permanece como um tesouro e a própria pessoa de Jesus para mim é uma referência forte.

E eu acho que essa tradição não é contraditória com a perspectiva ecológica porque o próximo é o outro, é a outra, a minha irmã, meu irmão, mas o próximo também é o rio que me dá água, que me dá alimento, também são as árvores que me dão frutos, os cereais que não podem estar envenenados porque então toda a vida é envenenada, o próximo é o mundo no qual nós vivemos, nós somos essa teia de relações em que, é claro, que o próximo humano é o mais próximo. Mas o próximo humano não é humano sem todo o conjunto da natureza.

MANDRÁGORA: Você não acha que a agenda feminista já está bastante carregada e que essa abertura para o ecológico pode dispersar um pouco essa agenda?

IVONE: Eu acho que pode dispersar, mas, ao mesmo tempo, o feminismo não pode se omitir de uma responsabilidade comum. Eu acho que tem um perigo, quando você fala de preocupação ecológica e feminista, muita gente prefere ficar com a ecológica. A ecológica hoje é mais flagrante, está na cara de todo mundo, basta ver as filas dos hospitais infantis no inverno numa cidade grande como São Paulo, Porto Alegre, a gente pode perceber como o problema é muito sério. Basta ver também as cidades do nordeste onde muitas crianças já têm problemas de pele por conta da má qualidade da água, problemas intestinais, etc. Então, a questão ecológica é uma questão que vai tocando ricos e pobres, por isso é que ela chama mais a atenção e pode se correr o risco de colocar a luta feminista em segundo lugar. Mas, por exemplo, no trabalho que eu tenho feito eu sempre procuro fazer um feminismo ecológico no sentido que a agenda feminista não seja de modo algum esquecida. Eu não quero dizer o que é primeiro e o que é segundo porque as duas frentes são importantes, pelo menos no meu trabalho. Espontaneamente quando eu faço teologia, eu talvez, enfatize em primeiro lugar a perspectiva feminista, eu abro para a ecologia, mas, digamos assim, meu trabalho de construção teológica é um trabalho que é primeiramente feminista.

MANDRÁGORA: O ecofeminismo tem mudado sua concepção de morte e ressurreição?

IVONE: Eu acho que a perspectiva ecofeminista trabalha a morte em dois sentidos. Primeiro no sentido de considerar a morte como um fenômeno natural necessário, tudo o que nasce e cresce tem que morrer para dar lugar à novidade, à nova semente que está brotando. É claro que dizer isso incomoda a uma cultura que repudia a morte como é a cultura ocidental, branca, capitalista, masculina que esconde a morte porque a morte significa um pouco o abalo das raízes desse projeto. Às vezes a gente tem a impressão de que as lideranças que roubam, que acumulam, que matam aos pobres, nem pensam que a morte é parte da

vida. Então estamos falando de uma perspectiva de ecologia de convivência com a morte. Mas a morte como fenômeno natural dentro da realização da vida é, ao mesmo tempo - e ali seria um segundo aspecto - uma ira em relação à morte injusta dos diferentes grupos humanos e particularmente das crianças, mas também a morte das florestas, a morte injusta dos rios, a morte injusta dos peixes, quer dizer essa espécie de falta de respeito total pela casa maior na qual a gente vive, esse assassinato. A gente costuma falar de ecocídio, por isso se fala também de ecojustiça.

MANDRÁGORA: Como você vê o futuro da teologia ecofeminista?

IVONE: Eu realmente não penso no futuro da teologia ecofeminista, eu acho que esses nomes talvez não sejam muito importantes, porque de baixo deles há muitas coisas. Eu tenho medo, porque esses rótulos são facilmente instrumentalizáveis e recuperáveis pelo sistema de poder. Eu acho que a agenda feminista - e aí eu queria falar de um feminismo social, de um feminismo comprometido com a luta dos pobres, que não se trata apenas de um feminismo de elite, mas de um feminismo comprometido com os pobres - deve continuar. Por que hoje o capitalismo está dizendo que está favorecendo cada vez mais às mulheres no mundo do trabalho e nós feministas temos cada vez mais que denunciar que esse favorecimento é, na realidade, uma nova exploração camuflada das mulheres? Talvez há mais condições de emprego, mas, em que condições? Eu acho que a agenda feminista está aí e nós ainda na América latina não conseguimos o respeito que queremos. A agenda feminista ainda está de pé na luta com outros grupos para a mudança deste sistema, pois não se trata de ter um lugar ao sol neste sistema reprodutor de injustiça, mas se trata de construir uma nova economia, uma nova sociedade, uma nova política, uma política em que talvez não precise ter mais feminismo porque poderíamos viver uma certa igualdade, mas eu acho que isso ainda vai demorar muito.

A agenda feminista ainda está de pé na luta com outros grupos para a mudança deste sistema, pois não se trata de ter um lugar ao sol neste sistema reprodutor de injustiça, mas se trata de construir uma nova economia, uma nova sociedade, uma nova política, uma política em que talvez não se precise ter mais feminismo porque poderíamos viver uma certa igualdade.

Por isso a agenda feminista ainda está em pé, no nível das religiões. Cada vez mais nós percebemos que o feminismo entrou e não entrou, há uma espécie de passo atrás nas instituições religiosas com o feminismo. Nas universidades é flagrante o retrocesso do feminismo. Há pouco tempo eu estava num simpósio de história das religiões e havia uma geógrafa que afirmou que o feminismo era uma bobagem e que o feminismo provavelmente tenha sido inventado pelos próprios homens para deleite deles. Eu achei uma ignorância num simpósio internacional uma afirmação dessa, mas é para dizer que não entra o feminismo, que ele não estava quase presente num simpósio como esse a não ser numa pequena mesa redonda da qual participaram provavelmente 20 ou 22 pessoas, uma mesa liderada pela Dra. Lieve Troch, então para você ver como a agenda ainda deve ser fomentada.

MANDRÁGORA: Qual seria a mensagem que você daria para as teólogas feministas que não se autodenominam ecofeministas?

IVONE: Eu diria que não há que ter medo do nome, porque esse nome ecofeminismo foi muito criticado como uma perspectiva. Antes de ser teologia é um movimento social essencialista, e ninguém quer ser essencialista. No mundo feminista criticamos muito as filosofias essencialistas por isso temos até medo. Alguém poderia dizer: "imagine eu sou jovem, vou entrar nisso que está sendo tão criticado?" Então eu diria: não tenha medo do nome e também não procure entrar no rótulo, procure entrar na causa, na bandeira, procure identificar o que há por trás da luta que é proposta e se não for isso que você quer então procure delimitar

o campo da luta. Eu diria assim, podem empregar muitas palavras, não precisa ser eco-feminismo, procurem usar outras palavras que indiquem qual é a luta que vocês estão enfrentando, eu sempre digo que algumas palavras inventadas por algumas pessoas podem não servir para outras, então vamos criar as nossas palavras que se aproximam mais das verdades ou das lutas que nós acreditamos importantes para América Latina.

MANDRÁGORA: Você não acha que a questão de gênero, a questão negra ou indígena pode ser vista também como essencialista por muitas teólogas radicais?

IVONE: Eu acho que cada vez que a gente pega uma bandeira, por exemplo, a teologia negra, indígena ou a questão de gênero, não se deve absolutizar nem fechar a outras perspectivas. Por exemplo, a questão de gênero é um conceito que pode ajudar a compreender as relações sociais de poder entre mulheres e homens, mas não é um conceito absoluto, não é um instrumental que eu tenho que absolutizar como único instrumental que me faz compreender a relação social entre mulheres e homens. Por exemplo, ao levantar a bandeira porque eu sou negra então eu só devo dialogar com teologia negra, eu acho que isso é construir um mundo fechado e não vai ser mais possível eu carregar meu gueto: feminista, eco-feminista, gênero, branca, negra, índia, mestiça, porque eu tenho agora que construir diante dessa globalização um outro mundo globalizado como sendo um mundo que trabalha outros valores diferentes desses valores da globalização. Lembro-me da última entrevista do professor Nilton Santos, que faleceu há dez dias atrás, onde dizia que as coisas vão mudar e Robert de Ávila, que estava perguntando, diz: "Mas professor você acredita mesmo que vai mudar? Nesse ponto eu sou muito pessimista". E ele respondeu: "Olha essa globalização está criando um mal-estar tão grande, tão grande em todos os grupos, que esse mal-estar pode construir uma coisa diferente. Eu acho que essa coisa diferente tem que

ser global, porque a relação entre as nações não pode ser mais a mesma, a relação entre as economias não pode ser mais a mesma, a relação entre os diferentes grupos humanos não pode ser mais a mesma.

Então se é assim eu posso carregar minha bandeira, por exemplo, eu acho válida a bandeira dos

grupos de consciência negra, acho válida a bandeira dos homossexuais, mas não podem ser bandeiras fechadas nelas mesmas, têm que ser bandeiras que guardam a particularidade mas se abrem às outras particularidades em vista de uma conversa para um mundo comum, um mundo no qual todas e todos possamos viver.



Participantes do III Encontro Ecofeminista "Um Jardim Partilhado". Recife/1997